

2.3. O "objeto incorporado" no discurso

2.3.1. Nas subseções precedentes foi feito um levantamento dos traços que caracterizam a construção de "objeto incorporado" em português. Nesta parte pretendo verificar até que ponto, nos discursos efetivamente produzidos, tais características se manifestam. Para tanto, selecionei um corpus constituído de, aproximadamente, 6 horas de narrativas orais, algumas na 1ª pessoa e outras na 3ª. Seguindo a proposta de Labov (1972), as narrativas de 1ª pessoa tratam de situações difíceis em que os informantes se viram, muitas delas com risco de vida. As de 3ª pessoa referem-se a filmes assistidos ou situações presenciadas pelos informantes que, de alguma forma, os afetaram. De um modo geral, em todas as narrativas há um envolvimento emocional do falante, de forma que a língua usada aproxima-se bem da coloquial espontânea. Os informantes são graduados ou estudantes de Curso Superior.

Nessas narrativas detectei 110 casos de "objeto incorporado" e pude constatar a adequação de todos os traços anteriormente levantados com referência a estas estruturas. Ilustram bem isso os seguintes dados:

- (143) "Aí uma vez uma colega emprestou um litro de leite pra essa outra e, e... no outro dia ia precisar pra fazer doce né e ela teve coragem de... de entregar, de devolver quatro dedinhos de leite."

- (144) "E e.. eu não costumo dormir com outras pessoas dirigindo (...). Eu sempre presto atenção, olho, mas eu tava com tanto sono que eu abria o olho e fechava, abria e fechava. E ele dirigindo, ele rápido (...)"
- (145) "(Tinha um cara lá) (...) com bombacha e assim, normalmente, como se fosse ali pra almoçar, com camisa normal, sapato normal, mas bombacha. (...) era uma pessoa comum. Aí... eu pensei assim: eles devem gostar muito de cultivar tradição, num sei como é que se pode chamar isso." (Segue-se a enumeração de outros fatos.)

Em tais exemplos, assim como nos demais coletados, pode-se observar que, realmente, os nomes assinalados apresentam-se na sua forma básica, não havendo quer anteposição quer clivagem do objeto. Do mesmo modo, não se verifica a intercalação de advérbios entre o verbo e o substantivo, nem a retomada por pronomes na posição de sujeito ou objeto. Os complementos são expressos por nomes não-referenciais. Logo esses "objetos incorporados" não funcionam como tópico do discurso, não são participantes/argumentos manipuláveis nos textos em que ocorrem.

A propósito, gostaria de ressaltar esse último traço das construções em análise. Hopper e Thompson, em seus vários trabalhos (dentre eles no de (1984)), assim como Givón ((1979) e (1984)) e Du Bois (1980), bem como outros lingüistas, têm insistido no fato de que o papel discursivo desempenhado por uma forma dada "parece ser o fator principal que condiciona a sua apresentação como um membro central ou periférico de sua cate-

goria." (Cf. Hopper e Thompson (1984:709)). Todos esses lingüistas têm ressaltado que um dos critérios que parecem ser de maior significância lingüística é o da saliência ou proeminência no discurso. Portanto justifica-se a menor "marcação" morfo-sintática dos "objetos incorporados" por se tratar de elementos que não são foco de atenção/ênfase no discurso em que aparecem. Sua identidade específica não é importante na comunicação. Em outras palavras, o falante "escolhe" codificá-los como membros periféricos de sua classe por não pretender dar a eles o estatuto de tópico discursivo, argumento passível de retomada posterior, "aqui lo a respeito de que se pretende falar." (Cf. Pontes, 1987:13).

Conforme adverte Givón (1984:137), os argumentos nominais das proposições se hierarquizam numa escala segundo seu grau de importância. A manifestação principal de tópicos importantes no discurso é a continuidade, expressa através da frequência de ocorrência. Um tópico importante é como um "leit motif" nos parágrafos temáticos, atravessando-os, ocorrendo em cadeias de orações "equi-tópicas".

Deduz-se daí que os "objetos incorporados" são um recurso para assinalar que a exata identidade, referencialidade do SN não interessa para os fins comunicativos. São um recurso para assinalar elementos que "codificam um ponto de vista mais previsível, provável" (Cf. De Lancey, apud Givón, op. cit., p.160), portanto sem muita possibilidade de ser foco de atenção.

Voltando aos dados aqui apresentados, verifica-se que servem de ilustração às considerações acima. Atentando-se para os nomes grifados nas orações de (143)-(145), constata-se, mais

uma vez, que não têm um papel discursivo proeminente, que não são entidades a respeito das quais se pretende falar.

Em (143), por exemplo, não se está focalizando doce e coragem, mas o comportamento de uma colega em relação à outra.

Em (144), presto atenção constitui uma idéia unitária, seguida da enumeração de outras ações executadas pelo falante. Esse, representado no discurso pelo pronome eu, é o tópico contínuo.

Também em (145), o nome tradição incorpora-se ao verbo cultivar, formando um todo semântico. Não constitui um argumento manipulável posteriormente no texto.

Ainda outros exemplos podem ser citados como evidência a favor da falta de saliência semântico-pragmática dos "nomes incorporados". Observem-se os casos abaixo:

(146) "(...) a Ana Paula num pode, ela num pode pegar piscina, num pode pegar sol, então nós vamos com os nossos amigos, os filhos, Ana Paula num pode ir (...)".

(147) "E essa maneira de ela pôr as mãos nos olhos, de, eu acho que é pra chamar atenção, ou então pra nos preocupar, nos agredir."

(148) "(...) eu sou louca por telefone, uma coisa que me fascina é um telefone, me faz companhia, me quebra todos os galhos (...)." (Segue-se a enumeração de outras qualidades)

(149) "(...) aí ele pediu.. telefonou prum lugar.. e pediu.. farmácia né? pra levar remédio lá pra mim.. e tal..." (Segue-se a enumeração de outras providências tomadas.)

Conforme mencionado para os dados anteriores, também nas orações acima os substantivos grifados não funcionam como participantes do discurso. Em (146), os nomes piscina e sol, incorporados ao verbo pegar, constituem com ele um todo, que participa da enumeração dos fatos proibido: à Ana Paula, tópico-principal desse texto.

Já em (147), a locução chamar atenção é codificada paralelamente a preocupar, agredir, atitudes referentes ao argumento Ana Paula, neste trecho retomado pelo pronome ela. O nome atenção não é, pois, saliente no discurso.

O mesmo pode ser dito, ainda, de (148). Aí o centro de interesse recai sobre a importância do telefone para o falante (eu). O substantivo companhia, "objeto incorporado" ao verbo fazer, não é introduzido como um participante neste exemplo, mas integra uma expressão que, por sua vez, faz parte da enumeração das vantagens de um telefone.

Finalmente, em (149), mais uma vez vemos confirmadas as previsões referentes à não-topicalidade do "nome incorporado"; também aí a locução levar remédio é percebida como uma idéia unitária e o SN remédio não é um argumento passível de retomada posterior no discurso.

Neste ponto será interessante discutir dois casos que, a

princípio, podem parecer contra-evidência para as considerações anteriores, devido à repetição do "substantivo incorporado". Examinem-se os seguintes dados:¹⁴

(150) "(...) mas aí (as doentes mentais) foram pegar carona e lá é BR, fica super escuro, agora é que eles estão colocando luzes lá. Pediram carona, na mesma hora passou um carro. Entraram as duas... foram pro motel..."

(151) "(...) então o chipanzé foi.. no acampamento dela, os chipanzés né, o grupo, e eles chegaram lá e começaram a comer banana., e ela começa a imitar.. a maneira deles comerem banana justamente pra tentar adquirir a confiança do chipanzé."

Apesar da repetição dos nomes grifados nos exemplos acima, isso não significa recorrência no sentido de retomada de tópico, proeminência discursiva. Em (150), "foram pegar carona"/"pediram carona" referem-se a um tipo de ação executada pelo sujeito, as doentes mentais, elíptico neste trecho. Entre a primeira expressão e a segunda, há a intercalação de estruturas de "backgrounding".¹⁵ Daí a necessidade da repetição, ainda que com verbos diferentes, para dar prosseguimento à narrativa. Entretanto, em momento algum, carona passa a ser o alvo de interesse da comunicação. Este centraliza-se nas doentes mentais, tópico principal.

Também em (151), o SN banana, apesar de repetido, não é destacado como um participante do discurso em foco; não é, por exemplo, retomado por pronomes anafóricos. Trata-se da recorrência da expressão toda (verbo + "objeto incorporado"), que funciona como uma oração de "fundo", definidora do substantivo maneira.

Os dados de (150) e (151), portanto, não contradizem o que se afirmou anteriormente com relação ao "objeto incorporado".

Desse modo, conforme visto, todas as características desse elemento, arroladas nesta segunda seção, demonstram tratar-se de um complemento verbal menos típico, que contribui para um menor grau de transitividade das estruturas em que ocorrem.

2.3.2. Ainda um outro aspecto digno de nota refere-se aos contextos em que ocorrem as construções de objeto incorporado. Analisando os 110 casos detectados nas narrativas examinadas, verifiquei alguns fatos interessantes que, a princípio, parecem fornecer evidência a favor do seguinte pressuposto de Hopper e Thompson (1980): há uma correlação entre as noções discursivas de "figura" ("foregrounding") e "fundo" ("backgrounding") e transitividade. Sentenças mais transitivas costumam ocorrer principalmente na "figura", enquanto as mais baixas numa escala de transitividade se alocam prioritariamente no "fundo".

Embora o estudo detalhado dessa questão seja a próxima etapa de minha pesquisa, gostaria de apontar, desde já, minhas pri

meiras observações neste sentido. Quero deixar claro, porém, que se trata apenas do registro de caminhos que ainda serão explorados.

Como se sabe, os estudiosos de narrativas orais espontâneas têm feito uma distinção entre o que constitui a estrutura da narrativa propriamente dita (isto é, a seqüência dos eventos que constituem a "estória", que respondem à pergunta - "o que aconteceu?") e o que representa uma estrutura de suporte que, por si mesma, não narra os eventos principais, mas comenta, avalia, caracteriza, descreve, provê explicações, etc. É a primeira que Hopper e Thompson chamam de "foregrounding", em oposição à segunda, de "backgrounding".

Essa distinção tem-se mostrado relevante, na medida em que fornece explicação para as diferenças detectadas na língua usada nesses dois momentos. Assim, num trabalho anterior ao acima citado, Hopper (1979) estabelece uma série de características do par "figura"- "fundo". Antes dele, Labov (1972) também já havia arrolado traços peculiares a um e outro componente da estrutura narrativa.

Aqui chamo a atenção apenas para aquelas distinções que se mostraram mais pertinentes para o corpus analisado. Desse modo, um primeiro fato a ser comentado refere-se ao estatuto da oração independente, ou principal, declarativa, afirmativa, ativa.¹⁶

Givón (1979), concordando com os gramáticos tradicionais e os lingüistas gerativistas, que a consideram a mais básica, a mais neutra de todas as orações, procura justificar sua posição demonstrando que se trata da estrutura que, no discurso, apre

senta menor grau de complexidade pressuposicional, além de ser a mais freqüente de todas.¹⁷ Orações reduzidas, subordinadas, passivas, negativas, interrogativas, optativas, imperativas, etc. são mais marcadas nesse sentido, apresentando maior complexidade sintática, mais restrições distribucionais, além de serem gramaticalizadas mais tarde pelas crianças e apresentarem mais conservadorismo sintático.

Ora, segundo Labov (1972: 362 e 375), as orações básicas são as que predominam na "figura", uma vez que contribuem para o desenrolar da "estória": são elas que realmente narram os fatos. Daí denominá-las "orações narrativas". Já as variantes mais pressuposicionais predominam no "fundo".

Além disso, observa-se uma alta freqüência de verbos no pretérito perfeito nas "orações narrativas". As estruturas da "figura" são predominantemente factuais ("realis"). Por outro lado, aquelas formas associadas com um menor grau de asseveração, e principalmente as não-factuais ("i-realis"), são mais encontradas no "backgrounding": formas optativas, negativas, no subjuntivo, modais, etc. (Cf. Hopper, 1979:216).

Examinando os contextos em que aparecem as construções de "objeto incorporado", pude verificar que, dos 110 casos detectados, apenas 21 ocorrem em estruturas tipicamente da "figura": todas são orações independentes ou principais, declarativas, afirmativas, ativas.¹⁸ Além disso, dessas orações, 17 apresentam o verbo flexionado no pretérito perfeito e 4 no presente, seguindo o padrão do tempo em que a narrativa geral se desenrola. O reconhecimento dessas estruturas como "orações narrativas"

foi ainda facilitado pela presença de "organizadores de eventos" como: "ai", "então", "ai então".

Além disso, encontrei, ainda, 11 casos de "objeto incorporado" em sentenças que representam discurso direto, subordinadas a verbos de "orações narrativas". Apesar da incerteza quanto à classificação correta dessas estruturas, observe-se que, se elas forem computadas como pertencendo à "figura", teremos aí, um total de 32 casos de "objeto incorporado".

Os outros 78 exemplos da construção em estudo aparecem em orações que fazem parte de comentários à margem da narrativa principal ou representam avaliações, descrições, explicações, etc. fornecidas pelo falante. Podem, pois, ser arroladas como sentenças pertencentes ao "fundo". Uma característica freqüente, detectada nessas estruturas de suporte, é a mudança do tempo/aspecto verbal: se a narrativa se dá no pretérito, por exemplo, as "avaliações" costumam vir no presente com valor habitual, no futuro com valor hipotético, no subjuntivo, etc.

Desses 78 casos, 65 ocorrem em orações claramente mais presuposicionais, no sentido de Givón (1979). Os "objetos incorporados" dessas sentenças estão assim distribuídos: a) 37 deles aparecem em orações reduzidas (9 de gerúndio e 28 de infinitivo); b) 22, em orações subordinadas desenvolvidas (segundo a terminologia tradicional); c) 6 ocorrem em orações independentes, porém marcadas, segundo os parâmetros de Givón; a saber: 4 negativas e 2 com o modal ter que (precedido do auxiliar ir, no presente, com valor, portanto, de futuro).

Restam 13 exemplos detectados em orações independentes, ou principais, mas que devem ser considerados como estruturas de

"fundo", conforme assinalado anteriormente, por representarem material de suporte ou comentários à margem dos eventos principais.

Em suma: das 110 estruturas examinadas, constata-se a ocorrência de 78 casos de "objeto incorporado" em sentenças de "backgrounding", sendo 65 delas estruturas claramente mais pressuposicionais. Apenas 32 exemplos constituem orações que pertencem à estrutura narrativa propriamente dita.

Esses fatos parecem corroborar, pois, as previsões de Hopper e Thompson (1980). Conforme se disse antes; tais autores estabelecem uma relação entre as estruturas mais transitivas e a noção discursiva de "foregrounding", bem como entre as estruturas menos transitivas e a noção de "backgrounding". Ora, conforme já tive ocasião de comentar, as sentenças com "objeto incorporado" afastam-se das transitivas prototípicas no que concerne à caracterização do complemento verbal. Não poderia passar despercebida, pois, a constatação de que a maior incidência do "objeto incorporado" se dá em sentenças de "backgrounding", quase todas mais pressuposicionais (Cf. Givón (1979), portanto orações que se afastam das mais transitivas com referência também a outros dos parâmetros estabelecidos por Hopper e Thompson.

Encerrando minhas observações nesta parte, desejo ressaltar, mais uma vez, que todos os fatos aqui discutidos estão relacionados com as decisões que os falantes tomam com base no maior ou menor grau de acesso que têm à situação do ouvinte, sobre "como apresentar o que têm a dizer". (Cf. Hopper e Thompson (1980:295).

Fazendo, agora, um percurso retrospectivo de tudo o que aqui se considerou, temos o seguinte quadro:

a) na subseção 2.1., busquei fazer um levantamento dos traços morfo-sintáticos e semântico-pragmáticos caracterizadores do chamado "objeto incorporado". Procedi, ainda, a um confronto entre esse tipo de construção e aquelas consideradas transitivas prototípicas, concluindo que as primeiras contribuem para um menor grau de transitividade da oração como um todo.

b) Posteriormente, em 2.2., fiz uma primeira tentativa de classificação das estruturas em exame, procurando distinguir, pelo menos, três grupos diferentes.

c) Por fim, em 2.3., apresentei o resultado da análise de 110 casos de "objeto incorporado" em narrativas orais espontâneas. Procurei verificar se, nos discursos efetivamente produzidos, os traços arrolados para a construção em foco se manifestavam. A resposta a essa indagação foi afirmativa. Além disso, houve a intenção de destacar a não-topicalidade dos "nomes incorporados", ou seja: o fato de não serem SNs introduzidos como participantes passíveis de retomada posterior no discurso.

Procedi, ainda, em 2.3.2., a uma tentativa inicial de exame dos contextos de ocorrência das estruturas em pauta. Embora consciente da necessidade de prosseguir na investigação dos fatos aí mencionados, aventei, com base em Hopper e Thompson, uma hipótese de correlação entre as noções de transitividade e "figura"/"fundo". Constatei haver uma maior incidência de "objeto incor-

porado" em sentenças de "backgrounding". Esse dado sugeriu-me, portanto, um caminho a percorrer nas próximas etapas desta pesquisa.

A seguir, na próxima seção, busco examinar uma possível relação entre as construções analisadas neste trabalho e o princípio da iconicidade.

2.4. O "objeto incorporado" e o princípio da iconicidade

O caráter arbitrário do signo lingüístico, apresentado em termos categóricos por Saussure, pode ser neutralizado em certos aspectos, conforme salientam Haiman (1983) e Lakoff e Johnson (1980). Embora estudando a relação forma/conteúdo com propósitos distintos, esses lingüistas acabam invocando pensamentos semelhantes, o primeiro sob o rótulo do "princípio da motivação icônica" e os outros sob o prisma de "princípios metafóricos" que se manifestam na linguagem, mas como uma consequência do papel que exercem na própria estruturação e definição do nosso sistema conceptual.

Com a formulação do princípio universal da iconicidade, Haiman (1983) pretende demonstrar que, em muitos casos, há uma relação mais direta, motivada, entre forma e conteúdo, conforme